



PESQUISA EM RADIOJORNALISMO COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA METODOLOGIA VOLTADA A UMA COBERTURA JORNALÍSTICA ALTERNATIVA

Leonardo Barreiros Rocha & Nara Lya Simões Caetano Cabral¹

RESUMO: Este trabalho trata da pesquisa em Radiojornalismo a partir da apresentação de uma metodologia de pesquisa que objetiva levar à reflexão por meio de uma cobertura jornalística alternativa, voltada ao relato do cotidiano e à valorização da cultura popular, tendo como base a construção da narrativa da radioreportagem por meio da reconstrução de espaços sonoros. A reportagem no rádio, partindo-se do pressuposto do relato presencial, é aqui entendida como forma de se intensificar as potencialidades do meio, já que possibilita informar pela projeção-identificação. Busca-se, desse modo, compreender as formas de preencher lacunas deixadas por rádios convencionais, partindo-se da constatação de uma predominante homogeneização em termos de conteúdos e formatos. E, além disso, o modelo de pesquisa de que trata este estudo possui o caráter didático de possibilitar a reflexão e a aprendizagem do estudante de graduação de Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: *jornalismo; radioreportagem; universo sonoro; cultura popular; Metodologia de pesquisa.*

¹ Estudantes de graduação do 6º semestre do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

Este artigo analisa a metodologia de pesquisa aplicada ao projeto de iniciação científica “Radioreportagem – o universo sonoro da cidade de São Paulo”, desenvolvido junto ao programa Ensinar com Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) entre março de 2009 e fevereiro de 2010, sob orientação do Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly e com apoio da Pró-Reitoria de Graduação da USP.

O projeto de pesquisa em questão partiu da compreensão do processo de reconstrução do universo sonoro da cidade de São Paulo por meio da radioreportagem. Para a condução do projeto, foram escolhidos, como temas de narrativas jornalísticas, três importantes locais relacionados à cultura e à história paulistana: a Faculdade de Direito da USP, situada no Largo São Francisco, o Mercado Municipal de São Paulo (conhecido como “Mercadão”) e a Catedral Metropolitana da Sé. A pesquisa analisou o espaço radiofônico pela presença do repórter no local, característica intrínseca à cobertura jornalística, sendo o comunicador o principal responsável por tornar o relato mais “vivo”, mais próximo do ouvinte e com maior valor informativo. Sob o foco de cada reportagem, estavam os sons e o cotidiano de cada um dos locais visitados.

A rapidez, o imediatismo e a proximidade com o público são características do rádio. Por esse motivo, torna-se possível a realização do processo de informar pela projeção-identificação, isto é, o transporte do ouvinte para os ambientes presentes na narração. É a partir desta idéia que este artigo se origina, mantendo relação com o entendimento de que a radioreportagem é um meio que pode permitir ao público vivenciar as experiências reportadas. Além disso, a partir da enumeração e detalhamento dos elementos que constituem o fio narrativo, tornou-se possível entender os processos de ambientação dos fatos e de construção de sentidos e o papel da palavra do repórter.

Para isso, a pesquisa teve como base a produção de radioreportagens que, posteriormente, seriam analisadas. Tais reportagens narram diferentes locais e tiveram como proposta central a reconstituição de seus ambientes sonoros. Nesse sentido, definiu-se o centro da cidade de São Paulo como universo a ser reportado, selecionando-se dele três locais cuja importância histórica e cultural se faça notável e que também fizessem parte do cotidiano de muitos paulistanos. Trata-se de buscar, por meio da radioreportagem, a reconstituição de

ambientes sonoros que fazem parte do cotidiano do público, a fim de, usando palavras de Hildegard Westerkamp, “criar um estado de ressonância com os ouvintes”.²

Neste artigo, propõe-se um detalhamento do método aplicado à pesquisa em questão, além da apresentação das constatações obtidas com tal estudo. Esse objetivo de se apresentar a metodologia é pertinente na medida em que a reflexão sobre o caminho percorrido no desenvolvimento da pesquisa representa uma forma de se compreender e exercitar as propostas que embasam todo o estudo. Além disso, a pesquisa é entendida como ferramenta de aprendizagem em Jornalismo, em termos práticos e teóricos.

No próximo tópico, traça-se um panorama sobre alguns conceitos fundamentais para a compreensão e o desenvolvimento do projeto aqui em foco. A seguir, o método da pesquisa é apresentado, juntamente com os principais elementos e características das radioreportagens analisadas. E, ao final deste artigo, discorre-se sobre as constatações obtidas com o estudo.

Reconstrução do universo sonoro: adentrando a “cultura do ouvir”

Associada a uma “cultura do ouvir”, a ideia de ambiente sonoro - o qual pode ser reconstruído pela radioreportagem, em uma cobertura alternativa - é de importância central para a pesquisa cuja metodologia é apresentada neste artigo.

Inicialmente – e a título de epígrafe deste trabalho -, destaca-se a importância atribuída por Murray Shafer, em seu ensaio “Rádio Radical”, ao aprender a ouvir, com “novos ouvidos”. Segundo ele, “O rádio radical é o meio de se fazer isso. [...] Ele é o tema do universo vivo. Posicione seus microfones e captará as vozes dos deuses. Porque eles ainda estão lá [...]”.³

Por outro lado, o rádio moderno, diz Shafer, “é a pulsação de uma sociedade organizada para satisfazer a um máximo de produção e de consumo”.⁴ A frase remete a outra questão destacada pelo autor: a aceleração dos ritmos no meio radiofônico, a que se relaciona uma superficialidade de abordagens. Nesse sentido, ele aponta: “Se você conseguir colocar sua ideia em uma pílula de três minutos, você poderá vendê-las para o rádio; se não conseguir, desista”.⁵

² WESTERKAMP, Hildegard. *O ambiente sonoro no rádio*. In: ZAREMBA, Lílían; BENTES, Ivana (Orgs.). *Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997. Pg. 159.

³ SHAFER, Murray. *Rádio Radical*. In: ZAREMBA, Lílían; BENTES, Ivana (Orgs.). *Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997. Pg. 39.

⁴ Idem. Pg. 30.

⁵ Idem. Pg. 31.

A isso, contrapõem-se os ritmos da vida, os quais, diz Shafer, pertencem, sim, ao domínio do rádio, “tanto quanto pertencem aos ritmos hiperbiológicos”⁶. Decorre daí uma ruptura entre a produção radiofônica e o mundo, a realidade concreta. E é nesse sentido que o pensador defende que “deixemos que os fenômenos do mundo falem por si mesmos, com suas próprias vozes, em seu próprio tempo”. Por isso, ele ressalta a importância de se registrar, no rádio, “as mínimas alterações no ambiente sonoro”⁷, bem como a decorrente necessidade de o profissional do meio ir a campo, “ir em direção às ruas, aos prados, às selvas e aos campos gelados” – enfim, sair do estúdio⁸.

A tais propostas de Shafer, pensadas especificamente na prática jornalística, relacionam-se os fundamentos da pesquisa e da metodologia das quais trata este trabalho, e isso se verifica, como se explica mais adiante, no que diz respeito à reconstrução do universo sonoro por meio da radioreportagem e à presença do repórter no local em que é feita captação.

É importante também destacar a noção de paisagem sonora, que, segundo Regina Porto, “é, fundamentalmente, a arte da captação ‘fotográfica’ do som” de modo que o objeto sonoro apresente-se de modo mais complexo, revelando-se além de sua superficialidade⁹. Ainda de acordo com Porto, porém, em contrapartida ao privilégio do som, o mundo moderno favoreceu a inflação da imagem¹⁰. Não obstante, o rádio reconquista espaço no contexto de convergência dos processos de comunicação, como destacado por José Eugênio de Menezes¹¹.

Nesse cenário, o autor aponta a “sensorialidade” como o elemento mais promissor do rádio. Conforme definição de Gisela Ortriwano¹², o meio tem a capacidade de envolver o ouvinte e de levá-lo a participar, uma vez que há o estabelecimento de um “diálogo mental” com o emissor. A essa ideia de imersão do ouvinte na narrativa radiofônica, soma-se o potencial do rádio de estimular o imaginário de quem o escuta – capacidade essa que pode se tornar evidente quando há, por meio da reportagem radiojornalística, a reconstituição de espaços sonoros.

⁶ Idem. Pg. 30

⁷ Idem. Pg. 37

⁸ Idem. Pg. 38.

⁹ PORTO, Regina. *A poética do som: utopia e constelações*. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana (Orgs.). *Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997. Pg.18.

¹⁰ Idem. Pg. 15.

¹¹ MARTINEZ, Monica; MENEZES, José Eugenio de O. *As narrativas radiofônicas na perspectiva do Jornalismo Literário e da Cultura do Ouvir*. INTERCOM, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0269-1.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2010. Pg. 1.

¹² ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A Informação no Rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985. Pg. 71.

Isso porque, na “cultura do ouvir”, experimentada, inclusive, sob a forma radiofônica, os cenários não estão prontos e tampouco as imagens, definidas. É o que Menezes enfatiza ao dizer que “os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas”, ou seja, que estão presentes na vida interior do ser humano e associam-se a experiências acumuladas¹³. Esse potencial é inerente aos diferentes sons dos ambientes, as vozes com as quais os “fenômenos do mundo” podem falar por si, retomando Shafer. Em contraposição, situa-se a cultura ligada à visão, do visual, onde se encontram imagens “prontas”. Na cultura do ouvir, diz Menezes, há o desafio de “ampliar o leque da sensorialidade hoje limitado à visão”, ir além da racionalidade associada ao “ver”¹⁴. Nesse aspecto, insere-se o potencial da radorreportagem de reconstruir paisagens sonoras e partilhá-las com os ouvintes.

É interessante destacar aqui o comentário que Menezes faz de produções radiojornalísticas que exploram a reconstrução de universos sonoros, justamente porque tais experiências se relacionam à proposta da pesquisa e à metodologia de investigação apresentadas neste artigo. Pois, como já dito, a pesquisa em questão partiu da realização de reportagens sobre diferentes locais da cidade de São Paulo a partir de visitas a esses espaços, buscando-se captar os sons dos ambientes e valorizando a capacidade narrativa do repórter.

Com relação ao que propõe Menezes, ele toma como exemplo a série de reportagens especiais intitulada “São Paulo de ponta a ponta” produzida por Vera Lúcia Fiordovila para a Rádio Eldorado, em 1999. Segundo o autor, a jornalista assume o papel de narradora nas reportagens, de modo a conduzir os ouvintes até os locais visitados por meio “dos ouvidos”. Além disso, há forte teor descritivo das paisagens, para o que colaboram os sons ambientes captados pelo gravador¹⁵.

Desse modo, a construção da narrativa na reportagem remete à idéia de narrador. O repórter pode não só informar, mas vivenciar os fatos que relata. E, quanto mais intenso for o envolvimento do repórter, mais próximo estará o ouvinte dos acontecimentos. Assim, o repórter se torna parte dos ambientes que reporta. É similar à narrativa oral, que parte do pressuposto do compartilhamento de experiências entre quem narra e quem escuta. Por esse motivo, a presença do narrador, suas impressões e descrições são tão importantes nesse processo. O repórter, dessa forma, serve de ponte que traz o ouvinte para perto do acontecimento retratado. Essa aproximação pode ser

¹³ MENEZES, José Eugenio de O. Rádio e cidade: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007. Pg. 98.

¹⁴ Idem. Pg. 82.

¹⁵ Idem. Pg. 110.

intensificada pelo impressionismo da reportagem. Quanto mais eficiente for a atuação do repórter como mediador, maior será a aproximação do ouvinte.

A pesquisa de que trata o presente trabalho pretende ir de encontro à capacidade do rádio de, citando Menezes,

“Criar um mundo próprio com o material sensível de que dispõe, partilha o estado de ânimo do narrador e das personagens, descreve a personalidade e o caráter dos protagonistas, exhibe a desenvoltura e a amabilidade do repórter, cria com suas próprias leis um universo acústico da realidade e, por isso, tem o poder de seduzir os ouvintes”¹⁶.

Para isso, retomando-se Shafer, é preciso que se aprenda a ouvir. Hildegard Westerkamp diz que o “rádio ouve, através de seus microfones, o mundo, vozes humanas, o meio ambiente”. Porém, como o microfone não faz escolhas e é, em si, destituído de cultura, a autora aponta que “a maneira como ouve o mundo é inteiramente determinada por aquele que grava atrás do microfone”. Desse modo, o rádio que ouve “diz respeito à perspectiva e à posição do agente da gravação”¹⁷.

Na verdade, a pesquisa tratada neste artigo se alicerça no estudo da combinação entre sons captados na gravação (e, portanto, audíveis para o ouvinte) e a palavra do repórter (até para descrever aspectos externos ao que se ouve na gravação), no âmbito do Radiojornalismo. O que se pretende compreender é o processo de reconstrução de ambientes sonoros na radorreportagem, a construção da narrativa radiojornalística e o papel da palavra do comunicador, a qual é entendida como “condutora” do ouvinte. Busca-se, assim, rastrear os efeitos de sentido obtidos, tendo-se em mente a presença do agente da gravação no meio ambiente. Como apontado por Westerkamp, a presença do repórter e suas interferências criam uma “perspectiva acústica específica para o ouvinte”¹⁸, de modo que cada gravação apresenta uma verdade singular sobre o meio ambiente. Soma-se a isso a proposta de deixar que o mundo fale por si, como defende Shafer, o que se traduz em uma postura de respeito pelos sons, ambientes e diferentes vozes. A consciência de tais questões é fundamental para a compreensão da responsabilidade envolvida na atividade do jornalista.

¹⁶ Idem. Pg. 116.

¹⁷ WESTERKAMP, Hildegard. *O ambiente sonoro no rádio*. In: ZAREMBA, Lillian; BENTES, Ivana (Orgs.). *Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997. Pg. 160.

¹⁸ Idem. Pg. 161.

A pesquisa e seu método

Como já apontado, a pesquisa em foco no presente artigo teve por base a produção de radiorreportagens. O intuito era o de reportar visitas a diferentes locais, tendo-se em vista a construção da narrativa radiojornalística por meio da ocupação de espaços sonoros da cidade de São Paulo.

Com esse objetivo, optou-se pelo centro da cidade de São Paulo como o universo a ser reportado no trabalho. Primeiramente, foi escolhido o local para cada reportagem, baseado na importância histórica e cultural de cada lugar escolhido e em sua presença no cotidiano do paulistano. A isso, seguiu-se a realização de pesquisa de material impresso e audiovisual existente sobre o local da reportagem. Posteriormente, foi realizada a captação dos elementos sonoros por meio da radiorreportagem, sendo a pesquisadora (que exerce a função de repórter) a própria condutora da narrativa jornalística.

Foram selecionados, então, três pontos específicos do centro, os quais são de grande importância histórica e cultural para a cidade e que, além disso, fazem parte da vida diária de moradores que frequentam a região, seja para trabalhar, estudar, visitar ou, simplesmente, como ponto de passagem. Dessa forma, como temas das radiorreportagens, escolheram-se a Faculdade de Direito do Largo São Francisco da USP, o Mercado Municipal de São Paulo (mais conhecido simplesmente como “Mercadão”) e a Catedral Metropolitana da Sé, locais que possuem características peculiares, inclusive no que diz respeito a seus ambientes sonoros.

Cabe ressaltar que o tempo de duração de cada radiorreportagem variou em função da maior ou menor duração da visita a cada local, embora em todas as narrativas tenha-se buscado produzir um relato aprofundado e atento aos pequenos detalhes dos ambientes descritos, ao seu espaço sonoro e ao cotidiano das pessoas com eles envolvidas.

Tendo como foco os referidos locais, as três reportagens produzidas como parte da pesquisa permitiram a análise dos elementos da narrativa radiojornalística, os quais são responsáveis pela criação da ambientação que o repórter vivenciou no momento de realização do relato, permitindo-se assim, ao ouvinte, que conheça cada ambiente descrito e o que vivencie as experiências reportadas. Complementarmente, buscou-se analisar o vocabulário do qual o repórter fez uso durante cada relato, com o objetivo de se “mapear” o conjunto das palavras mais recorrentes e sua relação com determinadas características da reportagem.

Para que seja possível prosseguir com o detalhamento da metodologia utilizada na pesquisa, apresentam-se, a seguir, breves análises de cada radiorreportagem, a fim de que se compreenda o teor de cada uma, bem como seus modos de construção.

Na primeira reportagem produzida como parte deste estudo, visitou-se a Faculdade de Direito da USP, situada no Largo São Francisco. Os ouvintes podem acompanhar a visita do repórter ao local desde seus arredores externos, na rua, em frente à faculdade. Com naturalidade, o repórter orienta a visita do ouvinte, que se completa e reforça com os sons ambientes, dando veracidade à narrativa - o que, aliás, acontece não apenas nessa reportagem, mas sim, nas três narrativas estudadas. Além disso, são acrescentadas informações e descrições do ambiente.

A reportagem torna-se verossímil porque o ouvinte pode confirmar o que o repórter diz pelos sons que ouve, mas também se torna rica quando o repórter vai além do óbvio e acrescenta informação ao que pode ser ouvido. Com o emprego de tom impressionista, que se torna um traço marcante nas reportagens, permite-se que o ouvinte (re)conheça detalhes dos ambientes visitados por meio de impressões do próprio repórter.

Dessa forma, inicia-se o relato na rua, falando-se sobre os ruídos do centro da cidade e seu trânsito caótico, ao mesmo tempo em que se pode ouvir o som do trânsito e motociclistas ao fundo. Na sequência, o repórter completa a ambientação do local descrevendo as estátuas que se encontram próximas à fachada da Faculdade de Direito da USP, algo que o ouvinte não poderia perceber apenas pelos sons naturais captados na gravação. A seguir, adentra-se a faculdade, descrevendo-se os corredores e monumentos. Simultaneamente, o ouvinte percebe, por meio dos sons de fundo, as razões que embasam as impressões que o repórter relata acerca dos ambientes, sejam elas causadas pelo silêncio de grandes salas ou pelas conversas de alunos nos corredores. Ao final, o repórter retorna à entrada da Faculdade, encerrando-se dessa forma a visita e a narrativa, de caráter circular.

A segunda reportagem produzida como parte da presente pesquisa reporta uma visita ao Mercado Municipal de São Paulo, o “Mercadão”. Assim como nas demais radiorreportagens analisadas no estudo, o repórter faz pontuações que permitem a localização do ouvinte no tempo e no espaço.

No relato, busca-se obter verossimilhança e valor informativo. A verossimilhança é alcançada porque os sons do ambiente descrito comprovam o que o repórter diz, funcionando como prova irrefutável do real. Ao mesmo tempo, esses mesmos sons possuem caráter informativo, uma vez que permitem ao ouvinte (re)conhecer características do Mercado por meio de elementos de seu ambiente sonoro.

Já no início da reportagem, em frente ao Mercado, notam-se peculiaridades do ambiente sonoro da região. É possível ouvir as músicas tocadas em alto volume pelas caixas de som dos vendedores ambulantes e o burburinho da multidão de pedestres, que circulam por toda a rua. Nesse momento, o repórter também descreve a fachada do Mercado. Somada aos registros sonoros captados pelo gravador, a palavra do repórter completa a imagem que se forma com o relato, já que o ouvinte jamais seria capaz de apreender as características visuais do local apenas pelos sons.

Segue-se, então, para o interior do Mercado. Nesse momento, é possível notar sons característicos do ambiente, como o barulho de máquinas e o burburinho que vem das barracas e da conversa de compradores nos corredores. O repórter prossegue com a descrição do local, ao que acrescenta informações históricas. A visita é permeada pelo trajeto de outras pessoas que por ali circulam: em breves entrevistas, frequentadores e trabalhadores locais falam sobre suas impressões e sobre a importância que o Mercado tem em suas vidas. Ao final da visita, o repórter segue para o mezanino, cujas particularidades sonoras ficam evidentes pela captação. Lá, visitantes provam os famosos lanches do Mercado e o repórter descreve a visão que o elevado proporciona.

Por fim, a terceira radioreportagem produzida apresenta uma visita à Catedral Metropolitana da Sé, lugar de importância cultural, religiosa e histórica, relacionado à formação da cidade de São Paulo. Assim com nas duas reportagens já tratadas neste trabalho, o ouvinte é orientado pelo repórter, que fornece descrições do local visitado e faz pontuações esporádicas que permitem a localização no tempo e no espaço. Trata-se de um relato que, como os outros em foco, busca verossimilhança e carga informativa, o que é obtido graças sons presentes na Catedral e captados pelo gravador, os quais comprovam ao ouvinte aquilo que o repórter diz. Ao mesmo tempo, os elementos sonoros do ambiente visitado agregam informações ao relato, uma vez que possibilitam o (re)conhecimento de características da Catedral da Sé.

A reportagem relata o momento em que o repórter se aproxima da Catedral e descreve o ambiente da Praça da Sé. Pode-se ouvir o burburinho do grande fluxo de pessoas que chegam ao local ou passam por lá. Depois, descreve-se a fachada da Catedral e, na sequência, o repórter alcança o ambiente interno da igreja. Simultaneamente, os sinos soam, anunciando o começo de uma missa. Com os sons da cerimônia religiosa ao fundo, o repórter descreve o interior da Catedral, relatando a grandiosidade do ambiente. Essa característica do lugar se confirma por meio dos sons ouvidos, que ecoam durante a missa. Após o cerimonial, um profundo silêncio atesta a saída dos fieis. Ao final da gravação, o repórter visita, na companhia de um monitor, as catacumbas da igreja.

Findo do processo de captação de cada radorreportagem, partiu-se para edição do material gravado e, posteriormente, para a transcrição de cada reportagem e a análise de sua estrutura narrativa, tendo-se em vista a compreensão do processo de ambientação dos fatos, de construção de sentidos e de transmissão de informação. É importante ressaltar que, na edição das reportagens, buscou-se não interferir nos materiais gravados, o que significa que a estrutura narrativa, decorrente do próprio caminho percorrido em cada visita, foi mantida, bem como foram conservados também todos os sons captados pelo gravador. Finalizada cada uma das três radorreportagens apresentadas, então, procedeu-se à análise do material.

10

Essa etapa da pesquisa foi destinada à observação e ao estudo dos elementos que compõem o fio narrativo, presentes em todas as reportagens deste trabalho. São os seguintes elementos: ambientes, que são os espaços percorridos ou visitados na narrativa, que possuem conjuntos de características (inclusive sonoras) próprias; personagens, ou seja, os indivíduos presentes na narrativa; diálogos, que são conversas (entre dois ou mais personagens) que se destacam do som ambiente, que agregam informações à reportagem e que, muitas vezes, interferem sobre os rumos seguidos na narrativa; sons, os quais compõem o espaço sonoro de cada ambiente (e aqui também o silêncio será listado na categoria “sons”, uma vez que é relevante e expressivo à composição de espaços sonoros); contrastes, que são oposições acentuadas entre sons provenientes de diferentes ambientes, o que evidencia a existência de espaços sonoros que diferem entre si e, assim, de locais com características diversas; imagens, que podem se projetar no imaginário do ouvinte e são construídas na narrativa por meio de recursos descritivos produzidos pela palavra do repórter e pelos sons captados pelo gravador; dizeres, isto é, textos escritos presentes nos ambientes, os quais são lidos em voz alta pelo repórter no momento da reportagem e funcionam, assim, como fontes de informação; informativos, representados por papeis, painéis e quaisquer objetos disponíveis nos ambientes

que funcionem como fontes de informação; informações acrescentadas pelo repórter, que foram adquiridas por meio de pesquisa prévia; informações acrescentadas por terceiros, que não poderiam ser apreendidas apenas pela observação do ambiente; orientações, que podem ser dadas pelo próprio repórter (e destinadas ao ouvinte) ou por outros personagens da narrativa (e destinadas ao repórter), servindo também como forma de permitir ao público visitar os locais da reportagem; e referências factuais, ou seja, pontuações esporádicas (de horário ou localização, por exemplo) feitas pelo repórter, as quais permitem a localização no tempo e no espaço ao longo da reportagem.

Por fim, foi realizado um estudo do vocabulário utilizado pelo repórter em cada reportagem, com realização de um detalhamento das palavras empregadas “espontaneamente”, ou seja, desconsiderando-se as enunciações lidas e as frases ditas por outros personagens da narrativa. É importante ressaltar que, embora as três reportagens em análise tenham durações de tempo distintas entre si, os números observados em cada uma delas são bastante semelhantes, com grande repetição de palavras (cerca de 80% das palavras de cada reportagem foram ditas mais de três vezes em cada relato) e predominância de substantivos e verbos.

A partir de tal estudo de vocabulário, tornou-se possível considerar que, quando se trata de fala sem ensaio ou preparação (na linguagem jornalística, “ao vivo”), cada pessoa possui um repertório próprio de palavras que, em geral, é bastante estreito. Já a constatação da predominância de substantivos e verbos é particularmente relevante dado se tratam das classes de palavras que se relacionam à objetividade da linguagem jornalística. Isso atesta que, não obstante seu tom descritivo e impressionista, as reportagens em estudo mantiveram, em termos de linguagem, caráter objetivo tradicionalmente jornalístico.

Considerações finais: ambiente sonoro e Jornalismo

Todas as reportagens analisadas possuem forte tom descritivo e impressionista. O ouvinte conhece, assim, os ambientes sobre visitados em cada narrativa jornalística por meio das descrições e impressões do repórter. Outro aspecto importante é que os sons dos ambientes, nas três reportagens em estudo, acrescentam informações ao relato, complementando aquilo que é descrito pelo repórter, ao mesmo tempo em que comprovam muitas de suas afirmações e descrições.

Pela análise das reportagens em foco na pesquisa de que trata este artigo, tornou-se possível constatar a importância da voz, a palavra falada, no meio radiofônico e, mais especificamente, no Radiojornalismo. Além disso, pôde-se compreender e exercitar o processo

de construção da narrativa da radioreportagem, por meio da qual se estimula o imaginário do ouvinte pode-se conhecer os locais visitados. É importante ainda ressaltar que se verifica, nas reportagens, a criação de um espaço de sensações e experiências – ou, nas palavras de Menezes, “um espaço de relacionamento”¹⁹.

Há, também, a constatação, a partir da análise e do estudo das radioreportagens em foco, de que a reconstrução de ambientes sonoros – no caso, dos locais sobre os quais trataram as reportagens - envolve o emprego de diversos elementos e recursos ao longo da narrativa jornalística. E, ainda, para que se torne possível tal processo de reconstituição, é fundamental que o repórter saia do estúdio, como enfatizado por Shafer, ou seja, vá a campo, esteja presente no local da reportagem.

Hildegard Westerkamp afirma que “sob diversos aspectos, fazer rádio é semelhante a compor música. Mesmo cuidado com a forma e o conteúdo deve ser tomado ao fazer rádio, assim como ao criar uma peça musical”. A autora faz tal constatação ao destacar a importância do equilíbrio dos sons no rádio, sobretudo no que diz respeito ao silêncio, o qual pode “ser realçado ou destruído pelo som”. Isso porque também o silêncio tem sua função na linguagem radiofônica, o que fica evidente nas radioreportagens analisadas na pesquisa aqui em foco²⁰.

De acordo com Westerkamp, quando se faz rádio, surgem, entre outras, as questões: “quando ter som e quando ter silêncio; qual o sentido de tempo a ser criado; que sons selecionar; o que falar e como falar; como reter as dimensões do silêncio sob um fluxo de som; como atrair e manter a atenção do ouvinte”²¹.

Tais questionamentos são caros ao Jornalismo, sobretudo no que diz respeito aos efeitos de sentido que podem ser criados pelo emprego de recursos próprios da linguagem radiofônica, pela reconstituição de espaços sonoros, pela multiplicidade de vozes, pela presença do silêncio e de ruídos e pela palavra do repórter, entendida como condutora da narrativa. Refletir sobre essas questões faz parte da proposta da pesquisa apresentada neste artigo, cuja metodologia assume, por esse motivo, uma função de forma pela qual se pode conhecer o meio rádio e suas possibilidades para o exercício jornalístico.

Com tudo isso em vista, é possível apontar que a reconstrução do universo sonoro por meio da radioreportagem, partindo-se do pressuposto da presença do repórter no local da reportagem, é um importante recurso ao Radiojornalismo, que permite que o público ouvinte

¹⁹ MENEZES, José Eugênio de O. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007. Pg. 118.

²⁰ WESTERKAMP, Hildegard. *O ambiente sonoro no rádio*. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana (Orgs.). *Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997. Pg. 158.

²¹ Idem. Pg. 158.

conheça muitas características dos lugares tratados pela narrativa jornalística. Da mesma forma, o relato presencial permite ao ouvinte “vivenciar” as experiências do repórter por meio da reportagem. É possível, por esse meio, atingir a ideia de reportagem como relato ampliado, que, citando as palavras de Paul Chantler e Sim Harris, dá a “oportunidade de contar uma história em profundidade”²².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus. 1998.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Inciform, 1970.
- MARTINEZ, Monica; MENEZES, José E. O. **As narrativas radiofônicas na perspectiva do Jornalismo Literário e da Cultura do Ouvir**. INTERCOM, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0269-1.pdf>.
- MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.
- PORTO, Regina. *A poética do som: utopia e constelações*. In: ZAREMBA, Lílían; BENTES, Ivana (Orgs.). **Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.
- SHAFER, Murray. *Rádio Radical*. In: ZAREMBA, Lílían; BENTES, Ivana (Orgs.). **Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.
- WESTERKAMP, Hildegard. *O ambiente sonoro no rádio*. In: ZAREMBA, Lílían; BENTES, Ivana (Orgs.). **Rádio Nova - Constelações da radiofonia contemporânea 2**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997.

²² CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus. 1998. Pg. 164.